

Sarney em Manaus:

JORNAL DA TARDE — 3

POLÍTICA

“Não aceito pressões”.

O presidente José Sarney surpreendeu, ontem, as pessoas que o ouviam no auditório do Palácio Rio Negro, em Manaus, pela maneira enérgica como refutou as críticas a seu governo. Ele trocou o tom conciliatório até então empregado para justificar a demora no atendimento a certos setores, pela advertência de que “em nenhuma ocasião o presidente da República se submeterá a pressões para tomar decisões que não sejam corretas”. Minutos antes, Sarney ouvira calado o discurso do presidente da Associação Comercial de Manaus, Jorge Loureiro, que, quebrando o protocolo, leu em tom de advertência 400 linhas de críticas ao governo, pela morosidade em resolver os problemas da Zona Franca. Ele atribuiu ao presidente e seus ministros “o caos” hoje vivido pelos amazonenses, e, principalmente, pelos comerciantes da capital; criticou os procedimentos administrativos da área econômica “pior do que na Velha República” e destacou como “pública e notória a prática de contrabando no País”. Nada disso estava previsto na programação da comitiva, pois Loureiro iniciou bruscamente a leitura do documento quando o locutor oficial já havia anunciado o pronunciamento do governador Gilberto Mestrinho.

Sarney — ladeado pelos ministros Roberto Gusmão, da Indústria e do Comércio, e pelo governador Gilberto Mestrinho, mostrou-se atento às colocações feitas pelo empresário. Mais tarde, no avião, quando retornava a Brasília, ele concordou que o representante dos comerciantes de Manaus “havia exagerado”. E continuou: “Ele podia ter dito o que disse de uma maneira menos agressiva”, observou.

“Reivindicações anárquicas”

Ao responder às críticas, o presidente extrapoulo o contexto em que foram colocados para, numa linguagem severa, pedir “seriedade para encarar o trabalho sério que o Governo está fazendo”.

Ele condenou “o primarismo de reivindicações anárquicas”, tendo-as como um agravante dos problemas enfrentados pelo Governo, generalizando sua colocação, sem especificar a que reivindicações e de qual categoria se referira. Argumentou que, mesmo

Assim reagiu o presidente, depois de ouvir duras críticas do empresário Jorge Loureiro, presidente da Associação Comercial de Manaus, ao seu governo, que classificou como “pior que o da Velha República”.



ciente de que “é dever do presidente da República ouvir, mas nunca dizer palavras duras”, não poderia ficar omissivo quando as acusações extrapolam o bom senso.

— “Ninguém ignora as dificuldades que venho enfrentando. A herança de que ainda não pudemos nos libertar — nem pelo curto espaço de tempo no governo, nem pelo esforço e pelo trabalho que tenho procurado imprimir às nossas tarefas — é ponto de estrangulamento que impede atender às aspirações mais justas e urgentes”, observou. Mantendo o tom exaltado, proclamou: “Temos problemas; os empresários também devem ter problemas, e mais que eles, o povo sofrido, desprotegido, que não tem sido impaciente com o governo”.

Com relação às reivindicações dos comerciantes da Zona Franca, ele respondeu que nenhuma decisão diminuirá o âmbito daquela área, e a prova maior é que já deferiu a prorrogação dos incentivos fiscais para a Zona Franca, sendo que os acertos finais estão em estudos. Ele advertiu que, ao contrário das reivindicações que acabara de

ouvir, o governo, “no desempenho de suas responsabilidades deve ter uma visão mais ampla da Amazônia, do que aquela movida por interesses setoriais, uma visão de que ela representa na vastidão de suas fronteiras, onde a presença do Brasil não deve ser apenas geográfica, mas humana”.

“Alfinetadas”

Acompanhado por 5 ministros, o presidente Sarney e dona Marly desembarcaram às 10h30, para inaugurar a fábrica de cimento da Companhia Agroindustrial de Monte Alegre, situada no Distrito de Aleixo, distante meia hora de Manaus. Ali ele ouviu o discurso do presidente do grupo empreendedor, João Santos, antes de descer a placa comemorativa. De improviso e bastante informal, o ministro Costa Couto, do Interior, também falou, para enaltecer o empregado que “de empregado de uma loja em Serra Talhada, marca hoje sua atuação por grandes obras, elevando para Cr\$ 3 trilhões, no ano passado o faturamento da empresa que preside. A fábrica produzirá 600 mil toneladas de cimento por ano, destinado aos mercados consumidores do Amazonas, Acre, Rondônia, Território de Roraima e todo médio e alto Amazonas. Numa segunda fase, a produção também se voltará para os demais mercados da Amazônia Ocidental, especialmente Colômbia, Peru e Bolívia e zonas fronteiriças da Venezuela e Suriname.

O governador Gilberto Mestrinho também dirigiu “alfinetadas” ao governo Sarney, em seu discurso, ainda que tenha traçado um quadro otimista quanto ao desenvolvimento da região. Ele reclamou do IBDF, “mais prejudicial à floresta amazônica do que os cupins que a estão devorando” e da Funai, “movida por meia dúzia de pessoas que não conhecem índios”. Referiu-se, ainda, à “psicose” do órgão em “querer botar índio onde eles nunca existiram, inviabilizando a exploração das riquezas existentes em suas terras”.

A comitiva almoçou no próprio palácio, seguindo para o aeroporto, onde o presidente cumprimentou os prefeitos de localidades vizinhas antes de retornar a Brasília.

Maria Rosa Costa, enviada especial.